

LABORATÓRIO INTERPROFISSIONAL... ESTÁ JÁ ALI!...

Está cada vez mais próxima a concretização de uma aspiração antiga de todo o sector - produção e indústria transformadora - velha de meio século: o laboratório interprofissional para o sector do leite e lacticínios.

O percurso que nos conduziu aqui foi longo, mesmo muito longo, e não isento de obstáculos, mas como diz o ditado, tudo está bem quando acaba bem...

As instalações que vão receber o laboratório já receberam as necessárias obras de adaptação, o grosso dos equipamentos já chegou ou será entregue em poucos dias, uma grande parcela da equipa que desempenhará funções no laboratório foi já seleccionada, foi escolhida a técnica que o dirigirá: a Dr.^a Lúcia Medeiros.

É mesmo muito provável que no regresso de férias, em Setembro, o Laboratório possa já estar a funcionar, sendo que o objectivo é que esta estrutura esteja com um funcionamento muito aproximado da velocidade de 'cruzeiro' já no início do próximo ano.

Penso que será de inteira justiça reconhecer o mérito do conjunto de técnicos que, liderados pelo Presidente da Associação para o Laboratório Interprofissional para o Sector do Leite e Lacticínios (a ALIP), Sr. Comendador Fernando Mendonça, e enquadrados pela respectiva Direcção, têm desenvolvido todo o trabalho de concepção e acompanhamento da implementação do Laboratório, que como se sabe, ficará instalado em Lousada, num espaço amplo e condigno.

Há agora que colocar a 'máquina' a funcionar e nesta altura julgo que haverá duas preocupações primeiras que deveriam ser devidamente equacionadas e 'resol-vidas': a de alargar a abrangência do laboratório ao máximo possível de produtores e de empresas e a de estabelecer os mecanismos que assegurem não apenas a sua sustentabilidade actual, mas também um funcionamento técnico e financeiramente sustentado, no futuro.

Alargar a actuação do Laboratório ao máximo de empresas e de produtores é, obviamente, um objectivo a concretizar no imediato, pois, recorde-se a adesão a esta estrutura é livre e voluntária, nada havendo a obrigar que determinado produtor ou determinado comprador efectue aí as análises relativas ao seu leite.

Deve, uma vez mais, reforçar-se a ideia de que estamos perante uma estrutura independente, cujo 'capital' (e poder de decisão) é detido, em partes iguais por produtores e compradores. Por outro lado, ultrapassada esta fase de implementação, deverá afastar-se qualquer receio quanto à equidistância, mas também em relação à competência técnica de todos quantos aí colaboram.

Convém, contudo, não esquecer que a generalidade das empresas ou possui actualmente capacidade própria para o desempenho das funções que o Laboratório se propõe ocupar ou recorre a entidades externas para o exercício

dessas funções. Aderir ao Laboratório pressu-põe, assim, abdicar da solução actual e isso, para ser efectuado de forma consciente, deve passar por uma prévia análise custo-benefício.

Devem, pois, todos quantos ao Laboratório estão ligados desenvolver acções que motivem e sensibilizem as empresas e produtores a aderirem à nova estrutura, mas esta deve ser, a priori, competitiva com as suas concorrentes num mercado alargado (no mínimo, o ibérico), competitiva a nível técnico e de capacidade de resposta, mas também competitiva do ponto de vista económico, ao nível dos valores a cobrar pelos serviços prestados.

A alargada adesão ao laboratório poderá, além disso, funcionar como uma garantia de leal concorrência entre todos os operadores presentes no mercado, concorrência tantas vezes contestada com acusações de não realização da classificação de leite ou de sistemas de classificação pouco eficazes, o que acaba por gerar alguma conflitualidade entre produtores e entre compradores.

Do ponto de vista da sustentabilidade do Laboratório, a mesma deve, desde logo, ser conjugada com a competitividade económica referenciada anteriormente. Os valores a praticar, ainda não definidos, devem ser tais que permitam a saúde financeira da estrutura, mas, em simultâneo, não sejam superiores aos que garantam uma vantagem comparativa relativamente quer aos outros laboratórios que operam no mercado nacional, quer às próprias estruturas a funcionar no seio das empresas.

A forma como a criação do Laboratório foi financiada foi, convenhamos, altamente favorável aos interesses da fileira. Há mesmo a expectativa de que uma segunda candidatura possa permitir apoiar algumas áreas de investimento (informática, equipamento auxiliar,...) que ficaram algo 'descobertas' nesta primeira fase do projecto.

No entanto, não deve esperar-se que esses apoios se prolonguem para o financiamento dos custos de exploração, pelo que o Laboratório deve gerar os meios financeiros que cubram não apenas a sua estrutura de custos, mas que garantam também a sustentabilidade presente e futura, aqui considerado o reinvestimento, quer na actualização dos equipamentos existentes, quer na ampliação das áreas de actuação do próprio Laboratório.

Pelo menos nesta primeira fase, o Laboratório incidirá a sua atenção especialmente em duas áreas: a da classificação do leite à produção e a do contraste leiteiro. Se relativamente ao contraste leiteiro, as expectativas apontam para um crescimento de número de análises a efectuar, até pelas crescentes exigências ao nível da segurança alimentar e a um maior controlo no seio das explorações, já em relação ao número de análises ligadas com a classificação do leite à produção, as perspectivas apontam, sem qualquer dúvida, para uma diminuição.

Exemplificando: na campanha 1999/2000 existiam no continente quase 25.750 produtores activos (isto é, com entregas durante a campanha), que produziram um pouco mais de 1,42 milhões de toneladas de leite (ou seja, com entregas médias de 55.000 kg/exploração). Em 2004/2005 existiam 11.800 produtores activos no continente e entregas de 1,41 milhões de toneladas, logo entregas médias de quase 120.000 kg/exploração.

A questão está, pois, em conjugar dois factos indubitáveis: a análises iguais correspondem custos iguais e a volumes de leite entregues (nos últimos cinco anos) apenas com pequenas oscilações, correspondem descidas do número de produtores para menos de metade. Será possível encontrar uma metodologia de definição de valores que enquadre, de forma justa, estes dois factos? Julgo que sim...

Em conclusão, o Laboratório Interprofissional... está já ali!... mas a verdade é que há ainda aspectos críticos a definir e muito a fazer para que sirva a todos, sem excepção, moralizando a relação comercial entre produtores e compradores e funcionando como factor de pressão adicional no sentido da melhoria contínua da qualidade do leite matéria prima.

Cláudio Cattaneo
Director da ANIL
Vice-Presidente da ALIP